

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Atena
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, as autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.

E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFSSIONALIZANTE os autores : Allan Charlles Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa	
Fernanda Telles Márques	
DOI 10.22533/at.ed.8111911061	
CAPÍTULO 2	13
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta	
Luiz Gilberto Kronbauer	
DOI 10.22533/at.ed.8111911062	
CAPÍTULO 3	21
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz	
Magda Madalena Peruzin Tuma	
DOI 10.22533/at.ed.8111911063	
CAPÍTULO 4	32
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
DOI 10.22533/at.ed.8111911064	
CAPÍTULO 5	45
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa	
Samon Noyama	
DOI 10.22533/at.ed.8111911065	
CAPÍTULO 6	55
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
Patricia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8111911066	
CAPÍTULO 7	67
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista	
Tascieli Feltrin	
Elsbeth Léia Spode Becker	
DOI 10.22533/at.ed.8111911067	

CAPÍTULO 8	82
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8111911068	
CAPÍTULO 9	96
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8111911069	
CAPÍTULO 10	113
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.81119110610	
CAPÍTULO 11	121
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.81119110611	
CAPÍTULO 12	131
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
DOI 10.22533/at.ed.81119110612	
CAPÍTULO 13	144
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.81119110613	
CAPÍTULO 14	153
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
DOI 10.22533/at.ed.81119110614	
CAPÍTULO 15	159
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.81119110615	

CAPÍTULO 16	170
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
Robinalva Ferreira Marília Morosini Pricila Kohls dos Santos Luisa Cerdeira	
DOI 10.22533/at.ed.81119110616	
CAPÍTULO 17	184
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
Ernane Rosa Martins Luís Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.81119110617	
CAPÍTULO 18	193
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
Éllen Patrícia Alves Castilho Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110618	
CAPÍTULO 19	201
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
Itamara Peters Eliana Merlin Deganutti de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.81119110619	
CAPÍTULO 20	215
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Analice dos Santos Lima Luciene Maria Patriota	
DOI 10.22533/at.ed.81119110620	
CAPÍTULO 21	224
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
Susana Schneid Scherer	
DOI 10.22533/at.ed.81119110621	
CAPÍTULO 22	236
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
Rafaelle Sanches Cutrim Denise Bessa Léda	
DOI 10.22533/at.ed.81119110622	

CAPÍTULO 23	250
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
CAPÍTULO 24	264
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
CAPÍTULO 25	276
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
CAPÍTULO 26	285
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
CAPÍTULO 27	295
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
SOBRE A ORGANIZADORA	302

REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE

Rafaelle Sanches Cutrim

Universidade Federal do Maranhão
São Luís - MA

Denise Bessa Léda

Universidade Federal do Maranhão
São Luís - MA

RESUMO: Trata-se de um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. A partir de 2007, houve uma mudança na estrutura jurídica dos estabelecimentos de ensino superior (IES) em que IES privadas, em sua maioria empresas de Sociedade Limitada são incorporadas a grandes conglomerados educacionais, ou seja, às sociedades anônimas de capital aberto com investimentos na Bolsa de Valores. Tal cenário, possui impacto direto na vida do trabalhador docente pelo fato de o rendimento das ações depender do rebaixamento salarial, da superexploração do trabalhador e do aumento do número de demissões. Essa pesquisa tem como objetivos específicos: Identificar as instituições de ensino superior pertencentes a um grande conglomerado educacional no Maranhão; investigar a organização e as

condições de trabalho dos docentes de um grande conglomerado educacional no Maranhão e analisar a dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente em uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão;

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente. Ensino Superior. Financeirização

ABSTRACT: This is an early-stage study about the repercussions of the financialization of private higher education in the dynamic pleasure and suffering of the teaching worker, from a higher education institution belonging to a large educational conglomerate in Maranhão. From 2007 onwards, there was a change in the legal structure of higher education establishments (HEI) in which private HEI, mostly companies of limited society are incorporated into large educational conglomerates, that is, to the corporations of Publicly traded capital with investments in the stock exchange. This scenario has a direct impact on the life of the teaching worker because the income of the shares depends on the wage demotion, the overexploitation of the worker and the increase in the number of demissions. This research has as specific objectives: to identify higher education institutions belonging to a large educational conglomerate in Maranhão; Investigate the organization and working conditions of teachers

of a large educational conglomerate in Maranhão and analyze the dynamic pleasure and suffering of the teaching worker in a higher education institution belonging to a large conglomerate Education in Maranhão;

KEYWORDS: Teaching work. Higher education. Financialization

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a investigar temáticas referentes a expansão mercantilista do ensino superior privado e as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de professores universitários de instituições de ensino superior privadas. Tem como objetivo principal analisar as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão.

A presente investigação faz parte de estudos desenvolvidos pelas autoras no Projeto “Trabalho docente na expansão da educação superior” da Rede Universitas/Br, com financiamento do Observatório da Educação (OBEDUC/CAPES) e está inserida na linha de pesquisa “Trabalho, saúde e subjetividade” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia (NEPP/UFMA).

O campo de estudo é constituído por um segmento específico da educação superior brasileira: o setor privado mercantil, buscando compreender os motivos que propiciaram a expansão desse nível de ensino até a formação dos oligopólios, constituídos pela compra/fusão de Instituições de Ensino Superior (IES) e pela abertura do capital dessas empresas na bolsa de valores. Busca-se também analisar nesse estudo, como esse novo cenário repercute na dinâmica prazer-sofrimento dos docentes que atuam nessas instituições.

Envolve uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. Desse modo, os sujeitos que participarão da pesquisa são professores que trabalham nessas instituições em cursos de graduação ou pós-graduação e o eixo de análise é o trabalho docente no processo de financeirização da educação superior.

No entanto, é importante frisar que o tema “formação dos oligopólios” constitui-se em debate recente no âmbito das políticas de educação superior no Brasil. O empresariamento da educação superior e sua mercantilização foram processos iniciados a partir dos anos 2000 com a liberalização e desregulamentação do setor privado, principalmente após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996. (BITTAR; RUAS, 2012)

De forma complementar, observações assistemáticas da pesquisadora em sua trajetória acadêmica identificam diversos docentes verbalizando satisfação em atuar como professores, por um lado e por outro, apresentando a percepção generalizada da

intensificação e da desvalorização de seu trabalho, associada a queixas em relação a saúde (problemas vocais, osteomusculares e de saúde mental), que inclusive podem culminar em esgotamento físico e emocional, pouco envolvimento com as atividades acadêmicas e valoração negativa do seu próprio papel, características essas associadas a organização do trabalho, em um contexto de mercantilização crescente da educação.

Sendo assim, tal trabalho aponta para a necessidade e a importância da realização de estudos que permitam uma maior compreensão teórica e empírica desse tema, assentando sua relevância diante da importância de desvelar as múltiplas determinações que envolvem esse processo, mediado pelo contraditório movimento dialético em que se insere.

2 | MUTAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO AO LONGO DA HISTÓRIA E A SUBJETIVIDADE DOS TRABALHADORES

O trabalho se tornou um atributo central da vida humana, de modo que se torna condição para a definição e sentido do ser humano, tendo em vista que trabalhando, o homem se realiza. Como bem sinaliza Antunes (2004, p. 36):

[...] o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida.

No entanto, tal referência ao trabalho tanto na estruturação social como na produção do sujeito moderno traz consigo diversas discussões e para se compreender a nova forma de ser do trabalho da classe trabalhadora na atualidade, é necessário partir de uma visão ampliada de trabalho. (FARIA; RAMOS, 2014).

Ela envolve a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, não ficando restrita aos trabalhadores manuais diretos, englobando também a totalidade do trabalho social e a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. (ALVES; ANTUNES, 2004)

Assim, o mundo do trabalho contemporâneo, vivencia uma rede de transformações cuja complexidade devemos nos ater, de modo que as contradições histórico-sociais do trabalho não permitem conclusões apressadas ou definitivas sobre rupturas e novas formas de trabalho ou de relações sociais, pois, ao lado de novas condições e situações sociais de trabalho, velhas formas e modalidades se reproduzem e se reconfiguram, num claro processo de metamorfose social. (DRUCK, 2011)

Nesse sentido, como aponta Landini (2006), é importante considerar que a forma de organização do trabalho na modernidade, marcada pela racionalização do trabalho,

parcelarização e rotinização, põe em ativo um processo que passa pela ruptura entre trabalho como expressão da realização humana e trabalho como mercadoria.

No entanto, para se chegar a conclusão supracitada, e com vistas a propiciar um melhor entendimento do cenário atual do mundo do trabalho é necessário realizarmos um percurso histórico sobre o tema, estabelecendo também a relação dessas mutações no mundo do trabalho ao longo da história com os mecanismos de controle utilizados sobre a subjetividade dos trabalhadores durante esse processo.

A Organização Científica do Trabalho (OCT) abrange os modelos taylorista e fordista de gestão organizacional e surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX. No modelo taylorista, “[...] o ritmo de trabalho era considerado intenso, as tarefas parcelizadas, a rotina burocrática e o controle sobre os trabalhadores permanente [...]”, sendo que “o trabalhador ideal deveria ser pouco inteligente, fisicamente forte, submisso e dependente do emprego”. (JOST; FERNANDES; SOBOLL, 2014, p.51)

Os grupos de trabalhadores eram divididos entre os que possuíam a “dívida de pensar” e os que recebiam a “graça de executar”, de modo que era retirado do trabalhador sua capacidade criativa e o trabalho era transformado em uma atividade parcelada e sem sentido.

A partir de 1910, com o fordismo, foi consolidado um novo modelo de desenvolvimento, que se caracterizou pela produção em massa e pelo consumo de massa. Esse modelo de gestão se sustenta em dois pilares: a tecnologia (mecanização) e os princípios tayloristas. A introdução da esteira rolante objetivou tornar o capital menos dependente do trabalhador e a linha de montagem retirou dos trabalhadores sua parte do controle sobre o processo produtivo que passou ao comando do capital. (JOST; FERNANDES; SOBOLL, 2014)

Nesse modelo, o controle sobre o processo de trabalho e de produção, extrapola a fábrica, definindo o modo de vida do trabalhador dentro e fora dela por meio de programas de qualificação ou do próprio direcionamento do consumo dos indivíduos.

O toyotismo, por sua vez, refere-se a um tipo de produção vinculada a demanda e surgiu no Japão na década de 1950. Tal modelo é também conhecido como um sistema de “acumulação flexível”, contrapondo-se a rigidez do fordismo e apoiando-se na flexibilidade dos processos de trabalho dos mercados, dos produtos e dos padrões de consumo. (JOST; FERNANDES; SOBOLL, 2014).

A acumulação flexível, que tão bem caracteriza o capitalismo contemporâneo, tem sua origem na busca por superar uma conjuntura de crise de outro padrão de desenvolvimento capitalista, marcado pelo fordismo e por um regime de regulação cuja experiência mais completa se deu nos países que conseguiram implementar um estado de bem-estar, experiência que nem mesmo na Europa se generalizou. (DRUCK, 2011, p.42)

A organização toyotista, possui uma densidade manipulatória de maior envergadura como apontam Jost; Fernandes; Soboll (2014). Para tanto, como dizem as autoras, ela utiliza-se de “[...] métodos e técnicas de gestão que atuam na cooptação dos trabalhadores, buscando o engajamento estimulado no trabalho e efetivando o

sequestro de sua subjetividade [...]” (p.63). Nessa mesma linha de pensamento, Faria (2013, p.385) tece as seguintes considerações:

O sequestro da subjetividade por parte da organização consiste no fato desta apropriar-se, planejadamente, através de programas na área de gestão de pessoas, e de forma sub-reptícia, furtiva, às ocultas, da concepção de realidade que integra o domínio das atividades psíquicas, emocionais e afetivas dos sujeitos individuais e coletivos que as compõem (trabalhadores empregados) [...] O sequestro da percepção e da elaboração subjetiva priva os sujeitos de sua liberdade de se apropriar da realidade e de elaborar, organizar e sistematizar seu próprio saber, ficando a mercê dos saberes e valores produzidos e alimentados pela organização sequestradora.

Observa-se assim, que os mecanismos de controle utilizados nesse modelo de gestão, “capturam” o pensamento do trabalhador, de modo a integrar suas iniciativas afetivo-intelectuais aos objetivos da produção.

No entanto, a imposição de regimes de contratos de trabalho mais flexíveis, estimulados pelo aumento da competição e pela diminuição das margens de lucro em função da onda de desemprego do período pós-guerra, teve como consequências a diminuição do número de empregados em tempo integral e com maior segurança no emprego e o incremento do trabalho parcial, temporário ou subcontratado. (AQUINO, 2008)

Sendo assim, o que se observa, é que as condições objetivas e subjetivas dos trabalhadores e sua própria condição de classe foram afetadas no desenvolvimento capitalista, de maneira que os efeitos dessas transformações refletem a precarização do mundo do trabalho no cenário atual.

Essa nova configuração do trabalho/emprego, reconhecida como precarizada é demarcada por formas cada vez mais frágeis de inserção e permanência no mundo do trabalho, de modo que “[...] instabilidade, flexibilidade e perda de direitos e garantias sociais, apresentam-se como características marcantes desse novo cenário”. (AQUINO, 2008, p.169). Os efeitos da precarização podem ser percebidos através de quatro grandes movimentos:

Intensificação do trabalho e aumento do sofrimento subjetivo; Inibição ou neutralização da mobilização coletiva contra o sofrimento, a dominação e a alienação; Transformação nas bases de resistência, que de uma perspectiva de reação coletiva, passa a implicar a negação do sofrimento alheio e um silenciamento profundo sobre seu próprio sofrimento; e, Exacerbação do individualismo. (DEJOURS, 1998 apud AQUINO, 2008, p.175)

Assim, o advento do capitalismo contemporâneo, marcado pela configuração de organizações flexíveis, com ênfase no curto prazo e densa utilização de novas tecnologias da informação, traz em seu bojo novas formas de controle sobre os trabalhadores que agora envolvem a manipulação de aspectos subjetivos como aspirações, sonhos, anseios e ambições. (CARRASQUEIRA; MORAES; SOBOLL, 2014)

A sociedade atual, impregnada pela mentalidade das empresas promove valores

empresariais em todos os âmbitos da vida do indivíduo, de forma que a existência humana passa a ser medida a partir do sucesso. “A excelência, a performance e o empreendedorismo compõem um novo imaginário denominado cultura do management”. (CARRASQUEIRA; MORAES; SOBOLL, 2014, p.216)

Segundo Soboll e Horst (2013), o culto da performance tem relação com outros termos como ideologia da excelência, ditadura do sucesso, ideologia do autoempreendedorismo e ideologia gerencialista, de forma que a ideologia da excelência tem como elementos estruturantes o individualismo e a superação de si mesmo e do outro, em busca de sucesso e desempenhos cada vez melhores, associados a resultados de alta performance.

No entanto, essa extensão do padrão empresarial à vida dos indivíduos gera dentre outros fatores uma “rentabilização do ser humano”, como enfatizam Carrasqueira; Moraes; Soboll (2014, p.216).

Bendassoli (2009) afirma que o que ocorre hoje é uma recomposição da relação sujeito-trabalho presente em modelos emergentes de carreira concebidos na confluência de tradições sociológicas, psicológicas e gerenciais. O autor utiliza o termo recomposição, pois esses modelos têm em comum a partilha de um humor de época que se generalizou especialmente nos últimos quarenta anos, consistindo em enfatizar a fragilização, a precarização, a desmontagem e a conseqüente necessidade de transformação dos modelos de carreira tradicionais, calcados em torno da noção de emprego herdada da sociedade industrial.

Partindo desse contexto, na próxima sessão iremos analisar como se apresenta na atualidade, a financeirização da educação superior que se configura em uma forma intensificada da mercantilização desse nível de ensino.

3 | A EXPANSÃO MERCANTILIZADA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E SEU PROCESSO DE FINANCEIRIZAÇÃO

Desde a crise de acumulação do capital ocorrida em âmbito internacional, por volta do início da década de 1970, o capital iniciou a construção de uma solução para recuperar suas antigas taxas de lucro, que combina até hoje diferentes fatores numa escala que envolve desde o barateamento da mão-de-obra através da reestruturação dos processos de trabalho e de produção de mercadorias, até a transferência dos serviços públicos para a iniciativa privada. (BOSI, 2007).

Tais fatores conseguiram reativar, em alguma medida, a capacidade de reprodução do capital, de forma que houve uma expansão da educação superior pela via privada e a introdução, nas IES públicas, de uma tendência de mercantilização do trabalho docente concretizada, por exemplo, no crescimento dos cursos de pós-graduação lato sensu pagos. (BOSI, 2007)

Desde então, a política voltada para a mercantilização da educação superior tem

sido irradiada para toda a América Latina pela atuação do Banco Mundial ao longo da década de 1990. Desse modo, segundo Calderón (2000), o sistema universitário brasileiro começou a vivenciar a partir do início dessa década uma grande revolução oferecendo novas opções para os cidadãos “clientes-consumidores” no campo acadêmico-universitário.

O cenário que até então era dominado pelas universidades públicas e pelas instituições de cunho confessional, foi significativamente alterado pelas instituições particulares com fins lucrativos, geridos enquanto empresas educacionais, que oferecem produtos e serviços de acordo com a demanda do mercado, sendo também denominadas de universidades mercantis por alguns autores como Sguissardi (2008).

Tais universidades se inscrevem em um período que apresenta sua sustentação no projeto político e econômico de cunho neoliberal e que se concretiza essencialmente através de uma reestruturação intensa e longa da produção e do trabalho. (CALDERÓN, 2000).

De acordo com Mancebo e Vale (2013) a expansão da educação superior brasileira é um tema complexo que abrange, pelo menos, quatro grandes linhas dignas de análise. Ela compreende:

(1) ações do governo federal expandindo vagas, matrículas e cursos nas instituições federais de ensino superior (Ifes), seja pela multiplicação dos campi das Ifes já existentes, pela expansão do número de instituições, ou ainda mediante programas de reestruturação do setor, como é o caso do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado pelo Decreto Presidencial n. 6.096, de 24 de abril de 2007; (2) a expansão da pós-graduação com redefinição de seus rumos no sentido do empresariamento do conhecimento; (3) uma forte diferenciação de cursos, instituições e modalidades de ensino, cabendo destaque, desde o início desta década, à utilização do ensino a distância (EaD) e (4) um expressivo aumento das instituições de ensino superior (IES) com fins lucrativos, isto é, privado-mercantis. (MANCEBO; VALE, 2013, p. 09)

Este trabalho se propõe a discutir apenas o último item: os rumos privatistas-mercantis da educação superior no país. Inicialmente, cabe esclarecer que a expressão privada/mercantil é emprestada por Sguissardi (2008), especialmente quando esse autor analisa o modelo de expansão da educação superior no Brasil em que verificou o predomínio privado/mercantil e que apresenta como uma das principais características sua essência neoprofissional, heterônoma e competitiva.

Tal momento aberto desde os anos 1990 gerou condições que permitiram a financeirização da educação superior brasileira até o momento atual, denominado pelos consultores dos negócios educacionais como “era das consolidações”, marcado pela concentração institucional, pela financeirização e pela internacionalização. (MANCEBO; VALE, 2013)

Diante de tal fato, o setor de ensino superior no Brasil passou por grandes mudanças desde o início dos anos 1990 até os primeiros anos do século XXI, com incremento do número de matrículas, principalmente na rede privada. Nesse período, muitas novas Instituições de Ensino Superior (IES) surgiram, o governo federal

aprimorou seu sistema de avaliação e alguns dos participantes desse mercado profissionalizaram sua gestão, abrindo capital na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) e realizando aquisições e novos investimentos por todo o País. (SECCÁ; SOUZA, 2009).

Assim, as instituições privadas de ensino superior estão experimentando um intenso processo de reconfiguração, em razão da entrada de novos capitais no setor. Publicações especializadas em economia têm acompanhado com atenção as novidades no chamado “mercado da educação”, estimado em R\$ 10 bilhões a R\$ 15 bilhões por ano. Consultores e investidores falam em “consolidação” do setor, eufemismo para designar um enxugamento, com aquisições, fusões, desaparecimento das instituições mais fracas, mal administradas ou em dificuldades financeiras. (ADUSP, 2011)

No Brasil a partir dos anos 2000, tem início esse novo formato de oferta da educação superior, em que as instituições de ensino superior (IES) privadas, tradicionalmente de origem familiar, em sua maioria empresas de Sociedade Limitada (Ltda), associam-se a grupos financeiros em busca de uma maior valorização do seu capital. (SEBIM, 2015)

Ocorre, portanto, uma mudança institucional da propriedade individual e familiar das empresas para a propriedade financeira dessas instituições, de modo que surge também uma nova forma de gestão da força de trabalho conhecida por governança corporativa. Esta aparece como uma estratégia de retomada dos alicerces da empresa capitalista na atual etapa de mundialização do capital a partir da finança. (SEBIM, 2015)

Com isso, esta nova configuração do capital, vai impondo a lógica do mercado a todas as dimensões da vida humana e o papel do professor e dos alunos consequentemente também são fortemente afetados. Sobre esse contexto Severino (2009, p.259) comenta:

Esta lógica impõe uma funcionalidade econômica, utilitarista. Induz à competitividade desenfreada. Propõe a aquisição de competências não para saber fazer, mas para competir, conhecimento utilitarista, instrumental, performance competitiva. Acaba ocorrendo uma colonização da política educacional pelos imperativos da economia.

Dessa forma, investidores nacionais e internacionais investem na educação superior no Brasil como um mercado promissor e altamente lucrativo, provocando movimentos de ampliação, aquisição e fusão das IES, formando grandes oligopólios que passam a concentrar boa parte do alunado do país. (BITTAR; RUAS, 2012)

Esse movimento sofreu um forte impulso a partir do Decreto nº 2.306, de 1997 e outros condicionantes. A partir de 2007, há uma alteração no arcabouço jurídico dos estabelecimentos de ensino superior, momento em que muitas IES, que estavam constituídas como sociedades limitadas, são incorporadas a grandes conglomerados educacionais e como resultado dessa nova conjuntura, surgem quatro grupos desse gênero: a Anhanguera Educacional Participações S.A., a Kroton Educacional S.A., a Estácio Participações S.A. e o Sistema Educacional Brasileiro S.A (SEB). (SEBIM,

2015)

No Maranhão, em levantamento inicial realizado nos sites desses grupos supracitados, é possível verificar a presença da Kroton Educacional S.A, da Anhanguera Educacional Participações S.A e da Estácio Participações S.A.

O grupo Kroton Educacional S.A possui atualmente 11 marcas, entre elas: Anhanguera, Fama, LFG, Pitágoras Colégios, Pitágoras, Unic, Uniderp, Unime, Unopar e Unirondon. No Maranhão na Educação Básica, possui 16 escolas associadas à rede de ensino e 01 escola própria (Colégio Pitágoras de São Luís). No ensino superior, esse grupo possui as seguintes unidades: Faculdade Pitágoras nas cidades de São Luís e Imperatriz e Faculdade Atenas Maranhense; Possui também 04 polos EaD Kroton (Pós-graduação) e 01 Polo EaD Unopar. (KROTON,2016).

A Universidade Anhanguera-Uniderp oferece educação a distância há vários anos, ofertando cursos nas cidades de São Luís, Barra do Corda, Caxias e Grajaú (PORTAL ANHANGUERA, 2016).

A Estácio Participações S.A no Maranhão, conta com a Faculdade São Luís que iniciou suas atividades de graduação em 05 de março de 2001, autorizada pelo MEC na sede Unidade Renascença e em 2005, inaugurou outra sede no Centro e alterou seu quadro societário, que passou a ser administrada pelo Grupo Unibrasil. (FACULDADE ESTÁCIO DE SÃO LUÍS, 2016).

No entanto, que impactos trará esse processo de “modernização” e financeirização do setor? O professor Romualdo Portela, do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (Faculdade de Educação da USP), pensa que tais mudanças significam “a completa financeirização do setor”, o que “transforma na prática a educação numa grande mercadoria, negociada no mercado financeiro”. Situação que se agrava por não haver, no horizonte visível, perspectivas de ampliação do setor público. (ADUSP, 2011)

Bittar e Ruas (2012) também reforçam tal argumento, afirmando que esses oligopólios têm contribuído para a transformação da educação superior em um produto a ser comercializado e lançado no mercado para ser adquirido por meio de estratégias de marketing cada vez mais ousadas e inovadoras. São estratégias que têm como finalidade atrair, conquistar e fidelizar seus estudantes-clientes com a venda de seus serviços.

Portanto, é a partir desse cenário que se busca na próxima sessão desse trabalho discutir os impactos dessa nova estrutura jurídica para a organização e as condições do trabalho docente, bem como suas repercussões na dinâmica prazer-sofrimento no trabalho do professor.

4 | DINÂMICA PRAZER-SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE: REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO

A Psicodinâmica do Trabalho possui um enfoque clínico que se apóia na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental e um enfoque teórico que se esforça para inscrever os resultados da investigação clínica da relação com o trabalho numa teoria do sujeito que engloba, ao mesmo tempo, a psicanálise e a teoria social (DEJOURS, 2004). Desse modo, tal abordagem realiza:

[...] a análise da dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade de trabalho. “Dinâmico” significa que a investigação toma como centro de gravidade os conflitos que surgem do encontro entre um sujeito, portador de uma história singular, preexistente a este encontro e uma situação de trabalho cujas características são, em grande parte, fixadas independente da vontade do sujeito. (DEJOURS, 1994, p.120)

Apresenta como ponto central a relação entre o sujeito e a organização do trabalho como determinante do sofrimento mental. A organização do trabalho é vista, antes de mais nada, como uma relação socialmente construída. A Psicodinâmica do Trabalho se apoia então, em dois pontos principais: as relações sociais do trabalho e o sofrimento no trabalho. (DEJOURS, 1992)

Neste sentido, a pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho se desenvolve penetrando no campo da vivência subjetiva, do sofrimento e do prazer no trabalho e possibilita aos sujeitos avançarem em suas interpretações da organização do trabalho.

Esse modelo teórico dinâmico esboçou-se no sentido de buscar tematizar o sofrimento no trabalho “[...] concebido como vivência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e o conforto (ou bem-estar) psíquico” (DEJOURS, 1994, p.127) e as defesas contra a doença, na qual se dá um lugar privilegiado às estratégias coletivas e a seus ajustamentos.

Desse modo, extraiu-se que todas as pressões desestabilizadoras para a saúde mental dos trabalhadores eram decorrentes da organização do trabalho e das condições de trabalho a que eram submetidos. “A organização do trabalho refere-se a divisão do trabalho: divisão de tarefas entre os operadores, repartição, cadência e, enfim, o modo operatório prescrito; e por outro lado a divisão de homens: repartição de responsabilidades, hierarquia, comando, controle, etc” (DEJOURS, 1994, p. 125). Já as condições de trabalho se referem as pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas do posto de trabalho.

Neste estudo, entendemos tal como Bosi (2007, p.1.507), que: “a consolidação da matriz do ensino superior nesses termos evidencia uma efetiva mercantilização da educação no Brasil, que se fizera também à custa de muitas modificações na rotina do trabalho docente”.

De acordo com Vale, Chaves e Carvalho (2015) as atuais condições objetivas do trabalho docente nas IES privadas seguem parâmetros pautados pela acumulação flexível em qualquer área de atuação: sua remuneração tem como base a produtividade,

estando o maior número de docentes em regime de trabalho horista.

A realidade de trabalho do professor horista está envolvida em muitas turmas, muitas vezes superlotadas, nas quais o docente repete inúmeras vezes o mesmo conteúdo que pode ser mais ou menos padronizado. Pode significar também o trabalho com várias disciplinas, de forma que o docente funciona como um “aulista”, sem condições para desenvolver atividades de pesquisa, nenhuma garantia legal de direito a afastamento remunerado para qualificação, além da “[...] presença frequente de figuras da desqualificação do sujeito - assédio moral -, ou ainda de ameaças mais ou menos explícitas por parte da instituição empregadora (VALE; CHAVES; CARVALHO, 2015, p.87)

Mancebo, Maués e Chaves (2006) igualmente reforçam tal argumento e entendem que nessas instituições têm ocorrido drasticamente:

(1) precarização do trabalho docente, visível até mesmo nas grandes universidades públicas, onde proliferam as (sub)contratações temporárias de professores; (2) intensificação do regime de trabalho, donde decorrem aumento do sofrimento subjetivo, neutralização da mobilização coletiva e aprofundamento do individualismo competitivo, atingindo, obviamente, não somente os trabalhadores precários, mas acarretando grandes consequências para a vivência e a conduta de todos aqueles que trabalham nas instituições de ensino superior; (3) flexibilização do trabalho, em cujo nome novas atribuições são agendadas para os professores, muitas das quais desenvolvidas, anteriormente, por funcionários de apoio, de modo que o docente agora é responsável não apenas pela sala de aula e pelo desenvolvimento de sua pesquisa, mas por um crescente número de tarefas, como o preenchimento de inúmeros relatórios e formulários, a emissão de pareceres, a captação de recursos para viabilizar seu trabalho e até para o bom funcionamento da universidade e, por fim, (4) submissão a rigorosos e múltiplos sistemas avaliativos onde a eficiência do professor e sua produtividade são objetivadas em índices. (p. 47).

Bosi (2007) também aponta que considerar a totalidade desse processo demanda adotar o pressuposto de que, para além da precarização do trabalho docente expresso nas “velhas” e “novas” formas de contratação, muitas mudanças foram introduzidas na rotina das atividades de ensino, pesquisa e extensão que do ponto de vista do capital, trata-se de aumentar o trabalho docente em extensão e intensidade.

Sob essa ótica, pode-se apreender que a precarização dos trabalhadores docentes, de modo específico os da rede particular de ensino superior pertencentes a grandes conglomerados educacionais revela: “[...] a intensificação do trabalho e do aumento do sofrimento subjetivo [...] a neutralização da mobilização coletiva contra o sofrimento, contra a dominação e contra a alienação [...] a estratégia defensiva do silêncio, da cegueira e da surdez [...] o individualismo” (DEJOURS, 1999, p.51).

Sendo assim, as implicações para a saúde do professor, diante das atuais formas de ser do trabalho educativo configuram um quadro problemático, que envolve desde problemas de saúde até o abandono da carreira, relacionados ao sofrimento extremo, colocando em questão a relação entre a objetividade social, os sentidos do trabalho e a sua não realização. (LANDINI, 2006)

Léda (2006) também reforça que nessa realidade de trabalho, o docente em

muitos casos acaba extrapolando os seus limites físicos, cognitivos e emocionais e há possibilidade de serem gerados diversos tipos de doenças, assim como, desânimo, cansaço e ansiedade, tendo em vista que em cada trabalhador sempre haverá limitações corporais e subjetivas.

Tomando como referência esse contexto, o trabalho como prática pedagógica, está ligado ao conteúdo a ser ensinado e à forma de se ensinar. Assim, o trabalho do professor é composto pela identificação dos conteúdos e pela escolha do método adequado, a fim de que esses conteúdos possam ser assimilados pelos alunos. No entanto, a partir do momento em que o conteúdo e o método passam a ser definidos por outros, o trabalho do professor passa a ser constituído por objetivos alheios a sua vontade. (SEBIM, 2015).

Mais do que isso, o que se verifica nessas instituições de ensino superior pertencentes a grandes conglomerados educacionais é um conjunto de elementos que contribuem para o rebaixamento salarial e a superexploração do trabalhador docente, dentre eles estão: separação entre planejamento e execução, aumento das demissões e rotatividade de professores, menos exigências quanto ao nível de formação dos professores contratados, diminuição da carga horária de trabalho e elevação da quantidade de trabalho. (SEBIM, 2015).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de realizarmos um estudo, ainda em fase inicial, com vistas a analisar as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, este texto apresentou uma discussão teórica sobre o tema que abordou desde as mutações do mundo do trabalho ao longo da história até a expansão mercantilizada da educação superior e seu processo de financeirização, culminando nos reflexos de tal processo na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente.

A pesquisa terá como campo empírico uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão.

Tal estudo vem nos permitindo entender o funcionamento e o desenvolvimento do capital nas empresas educacionais financeirizadas e a configuração que se apresenta o trabalho docente dentro desse contexto de expansão privado/mercantil, orientado por organismos financeiros internacionais.

Diante desse cenário, alguns estudos sobre a temática demonstram que os docentes das instituições da rede particular de ensino superior, pertencentes a grandes conglomerados educacionais, têm seu trabalho reconfigurado para responder a exigências laborais flexíveis, o que conseqüentemente tem contribuído para uma maior intensificação e precarização do trabalho docente, de modo que a natureza do trabalho pedagógico e as implicações políticas e sociais envolvidas nele estão sendo

fortemente afetadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, G.; ANTUNES, R. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004

ANTUNES, R. (Org.). **A dialética do trabalho**: escritos de marx e engels. São Paulo: expressão popular, 2004.

AQUINO, C. O processo de precarização laboral e a produção subjetiva: um olhar desde a psicologia social. **O Público e o Privado**, v. 11, p. 169-178, 2008.

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (ADUSP). **Financeirização chega ao ensino superior privado**. 12 de abril de 2011. Disponível em: < <http://www.adusp.org.br/index.php/146-defesa-da-escola-publica/481-financeirizacao-chega-ao-ensino-superior-privado> >. Acesso em: 28 mar.2016

BENDASSOLI, P.F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Rev. adm. Empres**, São Paulo, vol 49, n.4, p.387-400, out/dez.2009

BITTAR, M; RUAS, S. A Expansão da Educação Superior no Brasil e a formação dos oligopólios - hegemonia do privado mercantil. **EccoS Revista Científica**, n. 29, p. 115-133, set-dez. 2012.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nos últimos 25 anos. **Educ.Soc.**, Campinas, v.28, n.101, p.1503-1523, 2007.

CALDERON, A. I. Universidades mercantis: a institucionalização do mercado universitário em questão. **São Paulo Perspectiva**: São Paulo, v. 14, n. 1, mar. 2000

CARRASQUEIRA, F; MORAES, R; SOBOLL, L. Desejo de Carreira, Flexibilidade e Engajamento: o Perfil do Trabalhador de Sucesso na Cultura do Management. In: SOBOLL, L; FERRAZ, L. (Orgs) **Gestão de Pessoas: armadilhas da organização do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2014, p.216-232.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Orgs.) **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994. p. 119-145.

_____. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5.ed. São Paulo, Cortez, 1992.

_____. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011.

FACULDADE ESTÁCIO DE SÃO LUÍS. **Sobre a Instituição**. Disponível em: < <http://portal.estacio.br/unidades/faculdade-estacio-de-sao-luis.aspx> >. Acesso em: 28 mar.2016

FARIA, J. H. Sequestro da Subjetividade. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 381-389.

_____ ; RAMOS, C. Tempo dedicado ao trabalho e tempo livre: os processos sócio-históricos de construção do tempo de trabalho. In: RAM, **Rev. Adm. Mackenzie**, 15(4) • SÃO PAULO, SP • JUL/AGO. 2014, p.47-74.

JOST, R.; FERNANDES, B.; SOBOLL, L. A subjetividade do trabalhador nos diversos modelos de gestão. In: SOBOLL, L; FERRAZ, L. (Orgs) **Gestão de Pessoas: armadilhas da organização do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2014, p.48-66.

JUNIOR, R. **A precarização do trabalho e o adoecimento docente em instituições de ensino superior privadas/mercantis**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém.

KROTON. **Sobre a Kroton**. Disponível em: < <http://www.kroton.com.br/> >. Acesso em: 28 mar.2016

LANDINI, S.R. **Professor, Trabalho e Saúde**: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador-professor. VI Seminário da Redeestrado - Regulação Educacional e Trabalho Docente. 06 e 07 de novembro de 2006 – UERJ - Rio de Janeiro-RJ

LÉDA, D.B. “Trabalho docente no ensino superior sob o contexto das relações sociais capitalistas”. ANPEd – **Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação** (ANPEd), 29, 2006, Caxambu, MG. Disponível em: < <http://www2.uerj.br/~ANPEd11/>>. Acesso em: mar,2015.

MANCIBO, D; VALE, A. Expansão da educação superior no Brasil e a hegemonia privado-mercantil: o caso da UNESA. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 81-98, jan.-mar. 2013

_____ ; MAUES, O; CHAVES, V. Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira: implicações para o trabalho docente. **Educ. rev**, n.28, p. 37-53, 2006.

PORTAL ANHANGUERA. **Polo de apoio presencial de São Luís-MA**. Disponível em: < <http://www.anhanguera.com/graduacao/localidades/polo-sao-luis-ma.php> >. Acesso em: 28 mar.2016

SEBIM, C. O trabalho docente no processo de financeirização da educação superior: o caso da Kroton no Espírito Santo. **37ª Reunião Nacional da ANPED**. 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC-Florianópolis

SÉCCA, Rodrigo Ximenes; SOUZA, Rodrigo Mendes Leal. Análise do setor de ensino superior privado no Brasil. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 103-156, set. 2009

SEVERINO, A.J. Expansão do Ensino Superior: Contextos, Desafios, Possibilidades, **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.

SOBOLL, L. HORST, A. C. Ideologia da excelência. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 225-230.

SGUISSARDI, V. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 105, p. 991-1022, set. /dez. 2008.

VALE, A; CHAVES, V; CARVALHO, C. Financeirização da educação superior no Brasil. In: JUNIOR, J; SOUSA, J; AZEVEDO, M; CHAVES, V. (Orgs). **Educação Superior**: Internacionalização, mercantilização e repercussões em um campo de disputas. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.p.71-93.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-381-1

